

[EXPRESSO](#)

Assassinato na eleição: como o Equador chegou a esse ponto

Marcelo Montanini 11 de ago de 2023(atualizado 11/08/2023 às 03h09)

Morte do candidato presidencial Fernando Villavicencio é parte de onda de violência política durante campanha. Pleito foi mantido para 20 de agosto. Segurança pública está no centro do debate

FOTO: KAREN TORO/REUTERS - 10.08.2023



MANIFESTANTES EM ATO APÓS O ASSASSINATO DO CANDIDATO PRESIDENCIAL FERNANDO VILLAVICENCIO, EM QUITO, NO EQUADOR

O presidente do Equador, Guillermo Lasso, afirmou nesta quinta-feira (10) que as eleições do país irão ocorrer na data prevista, [20 de agosto](#), e decretou estado de emergência após [o assassinato](#), no dia anterior, do candidato à disputa presidencial Fernando Villavicencio.

Esta foi a 18ª vez que Lasso decretou estado de emergência desde que assumiu o poder, em abril de 2021. O país sul-americano vive uma onda de violência nas ruas e nas prisões, com disputas entre facções criminosas e domínio do narcotráfico. Um outro candidato ao Congresso e um prefeito também foram mortos durante a campanha. Neste texto, o **Nexo** fala sobre o assassinato de Villavicencio e a disputa eleitoral atual e mostra os fatores que fortalecem o crime organizado no Equador.

O assassinato de Villavicencio

Fernando Villavicencio, de 59 anos, era jornalista, sindicalista e foi deputado pelo partido Movimiento Construye, de centro-direita, entre 2021 e 2023, quando Lasso [antecipou o pleito](#) que ocorreria em 2025. Para evitar o impeachment, o presidente da direita conservadora usou uma manobra conhecida como “morte cruzada”, que dissolve o Parlamento e convoca nova eleição geral, diminuindo os mandatos de Executivo e Legislativo de uma vez.

FOTO: KAREN TORO/REUTERS



FERNANDO VILLAVICENCIO, CANDIDATO À PRESIDÊNCIA DO EQUADOR, EM EVENTO ELEITORAL EM QUITO, MOMENTOS ANTES DE SER ASSASSINADO A TIROS

Villavicencio foi assassinado a tiros após deixar um evento de campanha na capital Quito na noite de quarta-feira (9). Um dos suspeitos do crime foi morto pela polícia e outros seis foram presos.

Antes de morrer, o candidato afirmou que havia recebido três ameaças de morte nos últimos meses, atribuindo-as ao líder da facção criminosa Los Choneros, Adolfo Macías, conhecido como “Fito”.

Na quinta-feira (10) chegou a circular um vídeo em que homens encapuzados atribuíam a autoria do crime a uma facção rival, chamada Los Lobos, e faziam ameaças a outro candidato presidencial, Jan Topic.

O SOS Cárceres, uma organização equatoriana que monitora segurança pública, afirmou

que a [declaração era falsa](#). A Los Lobos publicou um vídeo no fim do dia [negando a autoria do crime](#).

“Somos o Los Lobos. Não tapamos a cara, ninguém fala por nós e cumprimos com a paz. Esclarecemos e repudiamos o assassinato do candidato presidencial senhor Fernando Villavicencio. E deixamos claro que nunca assassinamos pessoas do governo ou civis”, diz um dos integrantes.

O crime organizado no país

As facções criminosas equatorianas iniciaram as atividades em meados dos anos 1990. Los Choneros é a principal delas e atua com tráfico de drogas, grupo de extermínio, sequestros e extorsão. Já Los Lobos é uma dissidência dela, que surgiu em 2020, e é considerada a segunda maior facção criminosa do país.

Até meados dos anos 2010, Equador era considerado um dos países mais seguros da América Latina, segundo o Latinobarómetro. Atualmente, é um dos mais inseguros.

Deterioração econômica

Esse panorama começou com o início do governo Lenín Moreno (2017-2021), mas se acentuou sob o governo Guillermo Lasso (eleito em 2021), segundo especialistas entrevistados pelo **Nexo**.

Neste período, houve cortes de gastos públicos em áreas sociais e no sistema carcerário e houve precarização de empregos. A pandemia da covid-19 também aumentou a desocupação e aprofundou desigualdades sociais.

“Há menos emprego e maiores desigualdades. Isso acaba muitas vezes gerando a necessidade de as pessoas buscarem algum tipo de financiamento e algumas delas acabam indo para o narcotráfico, para violência”, afirmou ao **Nexo** André Luiz Coelho, professor da Escola de Ciência Política da Unirio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro).

A questão da localização

Entre a segunda metade dos anos 2010 e o início de 2020, a Colômbia passou a controlar a expansão do narcotráfico no país, o que fez as facções criminosas colombianas buscarem novos mercados.

Com isso, o Equador tem ganhado relevância numa lógica transnacional. É um país sul-americano que fica entre Colômbia e Peru, dois dos maiores produtores de cocaína do mundo. E se consolidou como um país de trânsito e de exportação para a droga.

Guayaquil é uma cidade portuária no sudoeste do Equador com saída para o Oceano Pacífico. Seu porto é um dos principais pontos de [saída de cocaína](#) da América do Sul para os EUA, a Ásia e a Europa, segundo o Informe Mundial das Drogas, publicado em 2022 pelo órgão da ONU (Organização das Nações Unidas).

210

toneladas de cocaína foram apreendidas no Equador em 2021, segundo a Polícia Nacional do Equador

Em 2022, o país apreendeu 176 toneladas de cocaína – quantidade menor do que o recorde registrado no ano anterior, mas ainda acima das 128 toneladas apreendidas em 2020.

As disputas entre facções

Além de questões conjunturais, um episódio desencadeou conflitos entre as facções criminosas – a morte de Jorge Luis Zambrano, conhecido como “Rasquiña”, líder de Los Choneros, em dezembro de 2020.

Isso levou os grupos criminosos Los Lobos, Los Pijos e Los Tiguerones, que eram parte de Los Choneros, a se separarem da facção, unirem-se entre elas em um cartel chamado [Cartel Nova Geração do Equador](#) e iniciarem uma guerra contra Los Choneros pelo controle das prisões e do narcotráfico do país.

Em 2022, a taxa de homicídio intencional atingiu 25 por 100 mil habitantes. No ano anterior foi de 14 por 100 mil e, em 2020, 7,8 por 100 mil pessoas.

Essa guerra entre facções, aliada à precarização do [sistema carcerário](#) do país, fez explodir massacres nas prisões — foram registrados ao menos 14 entre fevereiro de 2021 e julho de 2023.

459

é a [quantidade de vítimas](#) de massacres carcerários no Equador desde 2021, segundo o site Primicias

Houve também um fortalecimento das relações de facções criminosas equatorianas com [carteis mexicanos](#), como Los Choneros com o Cartel de Sinaloa e Los Lobos com o Cartel da Nova Geração de Jalisco.

Crime organizado e política

Mario Ramos, analista político e de segurança equatoriano do Conae (Centro Andino de Estudos Estratégicos), afirmou ao **Nexo** que o crime organizado só pode existir quando há cumplicidade de políticos e de governos. “As facções criminosas não podem existir sem a cumplicidade política e sem governo que não enfrente esse fenômeno”, afirmou.

FOTO: KAREN TORO/REUTERS - 10.08.2023



CARTAZ COLOCADO NO LOCAL DO ASSASSINATO DO CANDIDATO FERNANDO VILLAVICENCIO, EM QUITO, CONDENA "MALDITOS NARCOPOLÍTICOS"

Em janeiro de 2023, uma investigação do site equatoriano La Posta revelou um esquema de corrupção liderado por Danilo Carrera, cunhado de Lasso, com a participação de funcionários do governo em contratos de estatais. Alguns dos envolvidos no esquema tinham relações com o narcotráfico. Carrera [foi preso](#) e liberado no mesmo dia em abril nos EUA. Lasso disse que seu cunhado era um homem honrado e que não havia corrupção no seu governo.

Um relatório publicado em 2021 pelo grupo de pesquisa Ordem, Conflito e Violência, da Universidade Central do Equador, afirmou que o [Estado é um fator crucial](#) para

explicar a violência criminal no Equador. “Não porque esteja ausente, mas porque está envolvido na reprodução social, econômica e política do crime organizado.”

Segundo o relatório, o governo Rafael Correa (2007-2017) implementou políticas de segurança cidadã, com diversos centros de reabilitação social e sistema integrado de segurança, que combinaram estratégias punitivas com medidas de prevenção social. Contudo, o estudo acrescentou que também houve um acordo entre governo e grupos do crime organizado para garantir uma “paz mafiosa”, que acabou por facilitar a expansão do narcotráfico.

A segurança pública na eleição

A insegurança provocada por facções criminosas, com crise carcerária e violência nas ruas, já é uma realidade no Equador há anos. Porém, nesta eleição, o país tem vivido uma onda de violência política – antes de Villavicencio, o candidato ao Parlamento Rider Sánchez foi assassinado em 16 de julho, e o prefeito de Manta, Agustín Intriago, em 23 de julho.

FOTO: KAREN TORO/REUTERS 09/08/2023



POLÍCIA TRABALHA APÓS O ASSASSINATO DE FERNANDO VILLACENCIO DURANTE CAMPANHA PRESIDENCIAL EM QUITO, NO EQUADOR

Não houve ainda pesquisa de intenção de votos após a morte de Villavicencio, que aparecia entre quarto e quinto colocado, a depender do instituto. No entanto, todas as [sondagens anteriores apontam](#) Luisa González, do Movimento Revolução Cidadã, de esquerda — apoiada por Correa —, como a favorita.

Ela é seguida por Otto Sonnenholzner, candidato independente apoiado por Lenín Moreno, e por Yako Pérez, líder indígena do partido Somos Água, que alternam a segunda e a terceira posição. Lasso não apoia publicamente nenhum candidato.

“Isso [a violência] marca o comportamento eleitoral. As pessoas pedem mais medidas duras, mais encarceramento e está prosperando o ‘[modelo Bukele](#)’”, afirmou ao **Nexo** Carla Alvarez, professora equatoriana de relações internacionais e de segurança do IAEN (Instituto de Altos Estudos Nacionais), em julho.

Nayib Bukele, presidente de El Salvador, tem implementado uma política de violações de direitos humanos, com encarceramento em massa e suspensão de garantias individuais, sob a justificativa de combater as facções criminosas no país. Mesmo sob críticas, a postura autoritária impulsiona seu capital político.

“Todos os candidatos falam de segurança pública porque é o tema que mais preocupa o equatoriano hoje”, afirmou Ramos, do Conae. Ele acrescentou que os candidatos não têm apresentado soluções para o problema – as propostas seguem a linha de militarização e endurecimento das ações, e não de políticas públicas.

Para Coelho, da Unirio, o assassinato de Villavicencio e a decretação de estado de emergência fortalecem argumentos conservadores, militaristas e de candidatos da direita, com retórica mais punitivista.

Caminhos possíveis

Ramos, do Conae, afirmou que “a única saída é pela política”. Para ele, é necessário, primeiro, a remoção de políticos e governos com vínculos com as organizações criminosas. Depois, fortalecer as instituições e a Justiça e, por fim, tratar da questão da economia política do narcotráfico e dos paraísos fiscais para acabar com a lavagem de dinheiro, que alimenta o crime organizado.

Coelho, da Unirio, ponderou que outra frente seria reformas com foco na justiça social, que vem sendo desmontada desde o governo Moreno. “O retorno de políticas sociais, focalizadas pelos mais pobres — como o Bolsa Família — é uma boa saída”, disse.

O professor acrescentou que, além de ações domésticas, é necessário também um movimento mais amplo de compromisso de diversos países e de organizações internacionais, como a OEA (Organização dos Estados Americanos) e Unasul (União das Nações Sul-Americanas), em um esforço conjunto em busca do fortalecimento da democracia na região, em especial no Equador.

Fonte: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2023/08/10/Assassinato-na-elei%C3%A7%C3%A3o-como-o-Ecuador-chegou-a-esse-ponto>